

APRENDIZAGEM AUTISTA

AUTISTIC LEARNING

Keitiane Lopes Silva

ITOP

Márcia B. de Moraes Preto Pereira

ITOP

Nerci Maria Rezende Carvalho

ITOP

Resumo: O presente artigo expõe uma pesquisa sobre pessoas com Síndrome do Espectro Autista, sendo estas crianças ou jovens, numa visão integrada no processo de ensino e aprendizagem que possa garantir o direcionamento a uma vida adulta com mais qualidade e menos frustrações. Sendo o autismo uma espécie de transtorno ou distúrbio neurológico que pode se apresentar de forma leve, moderada à mais severa, torna-se mais um caso que desafia a ciência, a escola, e principalmente a família. A inclusão de um aluno com esta especificidade dispõe de informações de seu percurso histórico, familiar e diagnósticos neurológicos e psicológicos que auxilie a equipe pedagógica à aplicar as intervenções necessárias afim de estimular a aprendizagem deste conforme o seu tempo cronológico.

Palavras Chave: Síndrome do Espectro Autista, aprendizagem, inclusão, intervenção.

Abstract: This article presents a search about people with Spectrum Syndrome Autism, and these children or young people, in an integrated vision on the process of teaching and learning that can guarantee an adult life with more quality and less frustration. Being a kind of autism disorder or neurological disorder which can present slight, moderate or severe, it is more a case that challenges science, school, and especially the family. The better inclusion of a student with this specificity has information of its historic route, family and neurological and psychological diagnoses that assist the teaching staff to implement the interventions needed in order to stimulate learning this as your chronological time.

Keywords: Spectrum Syndrome Autism, Learning, Inclusion and Intervention.

Introdução

Nota-se que em meio às diferentes especialidades existentes no meio escolar, o Autismo certamente compromete a aprendizagem e convívio social. Existem variados tipos de deficiências, sejam elas, físicas, genéticas ou neurológicas que exigem dos profissionais da educação maior conhecimento.

Lopes (1997. p. 19), afirma que o Autismo é uma disfunção neurológica que se torna mais evidente nos três primeiros anos de vida em graus que variam do brando, moderado, grave e severo, sendo mais comum em meninos do que em meninas.

Na matéria exibida pela emissora Rede Globo, pelo Dr. Dráuzio Varella no programa Fantástico no ano de 2015, destacou-se que este transtorno desafia a ciência, por apresentar diferentes e variados casos. Para uma melhor definição sobre o assunto, o autismo é incurável, pois os neurônios que coordenam a comunicação e relacionamentos sociais não formam as conexões que deveriam, causando uma perda de estímulos, o que causa o atraso na aprendizagem. Mesmo assim existem crianças que não aprendem sequer a falar, enquanto outras conseguem desenvolver habilidades surpreendentes.

Na mesma série citada acima, o Neuropediatra, Dr. Salomão Schwartzman, afirma que, as diferentes manifestações do autismo relacionadas a condições genéticas e ambientais causam prejuízos ao indivíduo, que caracterizam deficiência na comunicação, interação social, e comportamentos repetitivos sem significados.

Berman e Rappaport (2010. p.16), relata que identificar o estágio de dificuldade do aluno é determinante na adaptação escolar, considerando-se, entre outros, o contato visual, comunicação, período de atenção compartilhada e flexibilidade. Identificando-se um destes graus de dificuldade, o professor deverá escolher a atividade dentro do estágio da criança, e adaptá-la à proposta a ser trabalhada com ganho de estímulo.

Utilizando-se os planos de estratégias, e metodologias diferenciadas que são necessários para que a criança ou jovem se familiarize com a escola, compreenda os conteúdos, dentro de suas limitações apesar dos diferentes graus de comprometimento do distúrbio. Seguindo esta concepção, o objetivo dos métodos e conteúdos através de uma avaliação global realizada com cada criança, passa-se a conhecer suas capacidades, ou seja, o perfil do qual se elaborará um planejamento de atividades. (LOPES, 1997. p.36).

Conforme Lopes (1997. p. 36-37), é importante observar o desenvolvimento global do cognitivo, socioafetivo e de independência, para o desenvolvimento do intelecto, na escolarização e profissionalização sem perda na qualidade de vida, pois a profissão é o resultado da trajetória do desenvolvimento educacional e familiar.

No processo de aprendizagem e socialização, para que a criança supere os possíveis casos de preconceitos, dentre outras etapas que podem sofrer, o trabalho de conscientização com os outros alunos precisa ser aplicado para uma melhor inclusão do autista. Sabe-se que os problemas que norteiam a educação não se restringe só a inclusão de alunos com deficiência, mas a prioridade destes serve de exemplo e respeito que deverá vir dos demais membros constituintes da escola.

Diante destas prioridades pode-se afirmar que, a necessidade de educadores estruídos e preparados para lidar com alunos que exigem métodos diferenciados à sua aprendizagem escolar se torna indispensável. No caso dos autistas, uma aplicabilidade de diferentes formas de estratégias ajuda na compreensão de conteúdos e regras a serem seguidas conforme o seu tempo cronológico. O acompanhamento da criança autista é trabalhado em conjunto, e a escola precisa estar ciente dos diagnósticos neurológicos e psicológicos para que a aprendizagem se torne mais efetiva e segura.

Percebeu-se a necessidade de se compreender o trabalho desenvolvido nas escolas e contudo saber diferenciar crianças e jovens com Síndrome do Espectro Autista. Diante deste quadro constatou-se que a participação da família e o apoio dos educadores, psicólogos e psicopedagogos, facilita a aprendizagem.

O papel da escola e da família no processo de ensino e aprendizagem da criança com autismo

De acordo com Freire (1996. p. 30-31), ensinar exige respeito e criatividade, a criatividade desperta a curiosidade. Faz parte da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. Assim, afirma:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 1996, p.29).

Para alguns professores ter um aluno autista em sala de aula pode ser desgastante, o que sugere a intervenção dele ou dela, além de um outro profissional no acompanhamento escolar deste aluno com a pretensão do despertar de sua curiosidade em aprender. Contudo, cabe ao professor investigar práticas que favoreça a aprendizagem desta criança, por ser ele também um mediador no processo de desenvolvimento escolar de seus alunos.

Conhecer o aluno portador de necessidades especiais se torna necessário antes de tudo para sua inclusão. O vínculo afetivo que o educador irá criar com o aluno despertará de forma natural o ensino e aprendizagem gerando nele segurança e confiança, permitindo assim uma interação com o meio a ser inserido. Nesta linha de raciocínio, deve-se levar em conta a especificidade de cada caso. (Instituto Prominas, 2010, p.08)

O papel da escola é fundamental, e com a ajuda da família se complementa a adequação no andamento escolar da criança. A partir do momento em que os pais compreendem o processo de aprendizagem dos seus filhos, seus comportamentos, limites e potencialidades repercutem num favorecimento do aprendizado e desenvolvimento dos autistas sentindo-se seguros para intervir. (LOPES, 1997.p.92).

Conforme Cury (2008.p.42,43), os professores precisam ultrapassar o velho costume das metas de transferência de informação, na tentativa de conhecer o funcionamento da mente dos alunos para melhor educar. Assim cada aluno não será apenas mais um número em sala de aula, porém um ser humano complexo, com necessidades peculiares, como descreve abaixo:

Precisamos conhecer alguns papéis da memória e algumas áreas do processo de construção da inteligência para encontrar as ferramentas necessárias e capazes de dar uma reviravolta na educação.

O primeiro hábito de um professor fascinante é entender a mente do aluno e procurar respostas incomuns, diferentes daquelas a que os jovens estão acostumados. (CURY, 2008, p. 48).

Seguindo a afirmação de Cury (2008), os educadores mesmo em meio as dificuldade, são insubstituíveis, pois a gentileza, solidariedade, tolerância, inclusão, os sentimentos altruístas, ou seja, todas as áreas da sensibilidade não são transmitidas por máquinas, e sim por seres humanos.

De acordo com Melo (2004), o perfil de uma criança com autismo pode ser desafiador, deixando pais e professores perplexos. Uma família que descobre que seu filho ou filha é autista passa conviver com um sério comprometimento individual, a maioria passa por todas as formas de enfrentamento da situação.

Com o tempo e experiências adquiridas os mesmos constataam a importância de três caminhos a serem conscientemente buscados que são: Conhecer a questão do autismo, admitir, e buscar apoio de um grupo de pessoas na mesma situação ou casos semelhantes para que todos os aspectos a esta nova situação real se apresente diferente de tudo que foi sonhado, de modo construtivo (MELO, 2004, p.14).

O isolamento, condutas motoras, linguagem e aprendizagem pré-verbais, distúrbios das funções intelectuais, alterações afetivas e distúrbios psicossomáticos, formam um leque de fatores que complicam na aprendizagem da criança desde o início da vida escolar e se estendem a cada ano se não forem trabalhadas de forma continua e em conjunto com a escola, família, e outros profissionais certamente necessários.

Camargos (2005) reúne todos estes sintomas apresentados pelos autistas e chama atenção no que se aplica ao déficit intelectual que deve ser sempre compreendido. Pois um déficit intelectual é uma constatação frequente, senão constante.

A profundidade deste déficit é variável, assim como sua evolução, segundo Ajuriaguerra (1991), "Se o Q.I. for inferior a 70, isso significa que é pouco provável que aprendam a falar, ou que trabalhem"

O aspecto social também fica prejudicado, assim como aumentam a tendências automotilatórias e as estereotipias motoras. Nesses pacientes, são mais frequentes as crises de epilepsia. (BARTAK, 1976, apud LEBOYER, 1987).

A dificuldade de socialização da criança com autismo pode causar falsas interpretações, quando não bem analisadas. É comum ao autista aparentar ser afetivo por aproximar-se das pessoas tocando, por exemplo, nos cabelos ou na roupa, quando na verdade esta postura não diferencia as pessoas, lugares ou momentos.

Camargos (2005, p.13-14), coloca que isso faz com que o autista tenha uma pobre consciência do outro, e em muitos casos perde a capacidade de imitar, que é um dos requisitos para o aprendizado, e também pela dificuldade de compreender o outro.

Sabendo-se da real busca por informações de pais, professores, e outros profissionais que convivem constantemente com portadores do autismo, ressalta-se os estudos e pesquisas científicas atuais, além de confiáveis. Marcelino (2010, p. 43) chama a atenção para obtenção de informações aos desequilíbrios fisiológicos e metabólicos da saúde alimentar dos autistas que servem de alerta a uma investigação e intervenção para se entender a ligação entre o bom funcionamento intestinal e o cerebral.

Segundo Marcelino (2010, p. 61), a alimentação com excesso de glúten, caseína encontrada no leite, e da soja, apresentam proteínas de difícil digestão, além dos industrializados. A diminuição

destes em contrapartida da introdução de alimentos e nutrientes que ajudem o organismo e o cérebro a trabalhar normalmente, diminui sintomas e aumenta a atenção, disposição e facilitam a convivência. Obviamente em conjunto de estratégias educacionais, terapêuticas e comportamentais.

Metodologia da pesquisa

Optou-se por pesquisa bibliográfica em análise de livros e artigos sobre Síndrome do Espectro Autista, essencial como referência para o desenvolvimento do artigo.

A pesquisa para a elaboração do artigo teve como alvo apresentar uma análise de fatores que desafia a educação atual sobre o aprendizado de jovens e crianças autistas, assim como a preocupação dos professores em lidar com todo envolvimento desta problemática.

Dados colhidos por base em livros, artigos, sites e reportagens. Todos estes instrumentos constaram propriamente as causas da Síndrome do Espectro Autista e autores que descrevem formas que facilitam a vida de pessoas portadoras deste transtorno cada vez mais presentes em nossa sociedade.

Resultados

Observou-se que a Síndrome do Espectro Autista apresenta-se em variáveis graus de comportamento do indivíduo. A falta de experiência e informação de alguns professores que são surpreendidos no momento em que uma criança apresenta distúrbios de comportamento, comum nos autista, provocam nos educadores desgaste e estresse em sala de aula.

Os profissionais da educação são cientes de que a educação especial é prioridade e de direito à toda criança que apresente algum tipo de deficiência, por tanto, compreender o trabalho que se deve desenvolver com o aluno, escola e a família os preparam e facilita a aprendizagem em conformidade com o processo de desempenho individual de cada aluno de acordo com seu tempo, mas, induzindo estratégias que despertem o interesse em querer aprender.

Algumas considerações

O sistema educacional brasileiro, assim como outros sistemas politicamente administrados, apresenta falhas. Não será de uma hora para outra que essas falhas serão corrigidas, porém cabe aos educadores em geral procurarem em suas reuniões regulares, a melhor direção a ser dirigida a escola, não só apenas em se tratando de inclusão, mas de vários outros fatores relacionados ao bom convívio social escolar e de uma aprendizagem adequada aos que apresentem a especificidade autista e outras em geral.

O educador que pesquisa, que procura saber lidar com situações diversas, estará mais preparado ao lidar com crianças que apresente distúrbios de comportamento. A falta de informação atrapalha o bom ensinamento, tanto de quem à transfere, quanto para quem necessita recebê-la.

Portanto, estar sempre repensando, projetando, e pondo em prática as metodologias e intervenções apropriadas, de modo que se crie o hábito do respeito e da valorização as diferenças individuais, torna a vivência escolar de alunos especial mais receptiva, interessante e menos restrita.

Referências

BERMAN, Tali; RAPPAPORT, Abby. **Brincar para crescer**. 201 atividades projetadas para ajudar sua criança especial a desenvolver habilidades sociais fundamentais. 1 ed. Tubarão: Cpiart, 2010.

CAMARGOS, Walter Jr. **Transtornos Invasivos do Desenvolvimento 3° Milênio**. 2 ed. Disponível: www.presidencia.gov.br, Acesso: 8 de Dezembro, 2015.

CURY, Augusto. **Pais Brilhantes Professores Fascinantes**. 1 ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

FREURE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 35 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LOPES, Eliana Rodrigues Boralli. **Autismo: Trabalhando com a Criança e com a Família**. 2 ed. São

Paulo: Edcom: AUMA, 1997.

MELO, Ana Maria S. Ros de. **Autismo: Guia Prático**. 2 ed. São Paulo: AMA, Corde, 2004.

MARCELINO, Claudia. **Autismo Esperança pela Nutrição**. 1 ed. São Paulo: M. Books do Brasil, 2010.

PROMINAS, Instituto. **Construindo Conhecimento: Educação Inclusiva Especial**. Ucamprominas, MG. Portaria do MEC nº 1.282, 2010.

VARELA, Dráuzio. **Série Fantástico, Autismo: Universo Particular**. Disponível: www.viverautismo.com.br, Acesso: 15 de Dezembro, 2015.

Recebido em 25 de novembro de 2016.

Aprovado em 2 de dezembro de 2016.